

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

# JON FOSSE

casa de barcos



cavalo de ferro

## I

Já não saio de casa, uma inquietação apoderou-se de mim e deixei de sair de casa. Foi no último Verão que esta inquietação se apoderou de mim. Voltei a encontrar o Knut, que já não via há uns dez anos certamente. O Knut e eu andávamos sempre juntos. Uma inquietação apoderou-se de mim. Não sei o que é, mas esta inquietação afecta-me o braço esquerdo, os dedos. Já não saio de casa. Não sei porquê, mas há já diversos meses que não ponho um pé fora de casa. E é só por causa desta inquietação. Foi por isso que decidi escrever, vou escrever um romance. Tenho de fazer qualquer coisa. Esta inquietação é insuportável. Se escrever, talvez isso me ajude. Foi este Verão que a inquietação se apoderou de mim. Voltei a encontrar o Knut. Casara-se e tivera duas filhas. Durante a infância, o Knut e eu andávamos sempre juntos. E o Knut foi-se embora. Chamei por ele, mas ele partiu simplesmente. Uma inquietação apoderou-se de mim. Fiquei a vê-lo de costas. Não sabia o que dizer, apenas vi o Knut parado ali na estrada, mais abaixo, e depois ele afastou-se ao longo da estrada. Não o vejo desde então. O Knut, não o via há já uns dez anos, pelo menos, e depois voltei a vê-lo este Verão. A mulher do Knut. Um impermeável amarelo. O blusão de ganga. Os olhos dela. O Knut é professor de Música, veio a casa nas férias grandes. Eu tenho mais de trinta anos, e não fiz nada da minha vida. Vivo aqui com a

minha mãe. Foi este Verão que a inquietação se apoderou de mim. Nunca escrevi nada antes, de minha própria e livre vontade, tal como suponho que muitos outros terão feito, terão escrito cartas, muitos até terão escrito poemas, mas eu nunca escrevi nada. Veio-me à cabeça que talvez fosse capaz de escrever. Tinha de fazer qualquer coisa, a inquietação era imensa. E assim de repente ocorreu-me que talvez devesse começar a escrever, e isto foi depois de esta inquietação se ter apoderado de mim, eu tinha de fazer qualquer coisa, tinha de manter afastada esta inquietação. De facto, nunca havia pensado na possibilidade de escrever. Não antes de esta inquietação ter aparecido. Apoderava-se de mim repetidamente, a inquietação, em particular ao cair da noite, que costumava ser a melhor parte do meu dia, mas agora as noites são muito agitadas, inteiramente agitadas. Eu tinha de arranjar qualquer coisa para fazer, e por isso decidi escrever. Talvez escrever me ajude a manter afastada a inquietação. Não sei. Mas esta inquietação, que eu não consigo controlar, talvez diminua se eu escrever. Talvez tudo se torne diferente. De qualquer modo, talvez a escrita consiga manter afastada a inquietação por algumas horas. Não sei. Esta inquietação é insuportável, e é por isso que estou a escrever este romance. Estou aqui sentado. Estou só. Estou aqui. É esta inquietação. Estou sentado no sótão, na minha casa, e escrevo. Já não me sinto tão mal, e foi bastante inteligente esta minha ideia de começar a escrever um romance, sim, acho que foi, ainda que só agora tenha começado a escrever. A inquietação é insuportável, por isso tenho de escrever. Estou sentado aqui no sótão, tenho dois quartos só para mim, e ouço os passos da minha mãe no piso de baixo. Através do soalho ouço o som do televisor. Na verdade, a minha vida é bastante boa. Tenho a minha guitarra. Tenho uma aparelhagem, tenho discos. Tenho livros. Na verdade, não são muitos livros, no entanto leio muito, mas a maioria dos livros que leio peço emprestada na biblioteca. Leio muito. Ouço os passos da minha

mãe no piso de baixo. Moro com a minha mãe, apesar de já ter mais de trinta anos. A minha mãe não é assim tão velha. De facto, temos uma vida boa, vivemos juntos toda a nossa vida. Este Verão voltei a encontrar o Knut. Quando éramos crianças, o Knut e eu andávamos sempre juntos. Não fiz grande coisa da minha vida. A minha mãe. Atravessa o soalho no piso de baixo. A minha mãe recebe a sua pensão todos os meses, compra comida e cozinha, paga as contas do mês, electricidade, telefone, mantém a casa arrumada e limpa, lava a minha roupa, e resmunga a maior parte do tempo. E da minha vida não fiz grande coisa. Talvez isso preocupe a minha mãe, ou talvez não, na realidade isso não a deve preocupar, por exemplo, ela costuma dizer que agora eu devia tentar arranjar trabalho, não posso ficar sentado no sótão a tocar guitarra, diz ela, mas esboça um sorriso ao dizê-lo, e eu não sei se hei-de acreditar ou não no que ela diz, além disso vou fazendo qualquer coisa de vez em quando ou, pelo menos, costumava fazer, antes de a inquietação se ter apoderado de mim e de eu ter decidido não sair mais de casa, enquanto antigamente eu saía para lhe fazer as compras, rachava lenha, ia buscar lenha durante todo o Inverno, e no Outono ajudava-a a apanhar frutos silvestres, e pescava peixe para comermos em casa, e ocasionalmente até ganhava algum dinheiro, sempre iam aparecendo pequenos trabalhos uma vez por outra, e por isso a maior parte do dinheiro que ganhava provinha de tocar em bailes, o que fazia com alguma frequência. Eu toco guitarra, e um professor da Escola Básica local toca acordeão. Ele chama-se Torkjell. E é por isso que somos conhecidos por Duo Torkjell. É esta inquietação, de que não consigo libertar-me. Mas agora já não saio de casa. E é por essa razão que também não consigo ganhar o pouco dinheiro que ganhava antes. A situação do duo de que eu fazia parte também é difícil. Ultimamente tenho recusado vários trabalhos como músico e também não tenho querido ensaiar. O Duo

Torkjell. É simplesmente assim. Sobretudo tocávamos em casamentos, e numa ou outra festa da aldeia. O Duo Torkjell. Como está escrito nos cartazes, quase sempre a marcador vermelho. É esta inquietação, e eu deixei de sair de casa. Há já muito tempo que não saio de casa. Este Verão voltei a encontrar o Knut, há uns dez anos que já não o via certamente, ele casara-se e tivera duas filhas. O Knut e eu andávamos sempre juntos. Brincávamos juntos, começámos a tocar juntos. O Knut tornou-se professor de Música. Foi depois de ter voltado a encontrar o Knut que esta inquietação se apoderou de mim. O Knut e eu decidimos formar uma banda de *rock*. O Knut. Ele veio de visita a casa este Verão. Ele e a mulher, e duas meninas pequenas. Ele tem duas filhas. Há uns dez anos que não o via, pelo menos. Vejo o Knut a dançar com alguém que andou com ele na mesma turma. O Knut é professor de Música. Veio a casa este Verão. Encontrei o Knut este Verão. E foi quando esta inquietação se apoderou de mim. Eu descia a estrada, a caminho da biblioteca, numa esplêndida tarde de Verão. Então vejo-o a dobrar uma esquina, então vejo o Knut a aproximar-se. Vejo o Knut. Vejo aparecer o Knut a dobrar uma esquina. Há uns dez anos que não o via, pelo menos, e então o Knut vem a caminhar na minha direcção. Primeiro vem o Knut, e eu não o via há tanto tempo, a mim parece-me que foi há muito tempo, a seguir vem uma mulher com cabelo negro, curto e farto, e olhos castanhos, traz um blusão de ganga, e atrás dela vêm duas crianças saltitando pela berma da estrada. Vejo o Knut a aproximar-se e o Knut pensa que tem andado a evitar este momento, mas sabia que tinha de acontecer, encontrar velhos conhecidos, tinha de acontecer, como é óbvio, e eu ainda continuo mais ou menos com o mesmo aspecto, pensa o Knut, e então ele pergunta-se o que há-de dizer-me, já passou tanto tempo, nós costumávamos fazer tantas coisas juntos, mas o que vai ele dizer-me, provavelmente já não temos nada em comum, mas ele tem de dizer alguma coisa, falar, e é exactamente esse momento que

ele tem andado a evitar, pensa o Knut, mas partilhámos tantas coisas, nós os dois, todos os bailes em que costumávamos tocar, as raparigas, e aquela única vez, aquela rapariga, não teve qualquer significado, mas depois eu fiquei tão envergonhado, nada de sério, apenas um mal-entendido, aconteceu num baile, depois de termos estado a tocar, e como era costume ficaram por ali umas quantas raparigas à nossa volta, uma tolice, depois disso eu mudei completamente, tornei-me tímido, já não quis tocar mais, pensa o Knut, e ele pensa que agora já é casado, na verdade nunca me senti à vontade com mulheres, pensa o Knut, mas ele agora é casado, pensa ele, e tudo isso foi há tanto tempo, o que há-de ele dizer, tem de dizer qualquer coisa, ele tem andado a evitar este momento, sabia bem que tinha de acontecer, no entanto tem de passar as férias em algum lugar, ele tem férias grandes, é professor, não pode simplesmente ficar em casa. O Knut pensa que tem de desembaraçar-se disto de algum modo. Ele vê que me aproximo. Eu vi o Knut a dobrar uma esquina, ele aproxima-se, e eu penso que não o vejo há tanto tempo, há tantos anos, há tanto tempo, e levanto a mão, aceno ao Knut, e ele levanta a mão e acena-me de volta. Entreolhamo-nos fugazmente, aproximamo-nos, paramos, eu olho para o Knut, e ele olha para mim, depois vira-se, olha para a mulher que segue atrás dele, espera por ela, ela aproxima-se de nós, as crianças correm para nós, agora estão paradas ao meu lado, levantam os olhos para mim, e sinto que isto não vai ser tão difícil como eu imaginava, poderá até correr bem, as crianças podem facilitar as coisas, olho para as meninas, pergunto-lhes então que tipo de meninas elas são, e olho para o Knut.

Que tipo de meninas somos, diz uma delas, e ambas as meninas desatam a rir.

Bem, como vês, a família cresceu, diz o Knut, e olha-me sorridente.

Sim, tens sido hábil, digo eu, e o Knut vira a cabeça e diz que gostaria de me apresentar à sua mulher, pois ainda não fomos apresentados, diz ele, e ela desliza para a frente dele, estende-me a mão, diz-me o seu nome, mas a voz dela é tão baixa que eu não consigo perceber. Digo-lhe que o Knut e eu costumávamos passar bastante tempo juntos quando éramos crianças, tocávamos juntos numa banda, e ela diz que o Knut lhe falou de mim, não me chamo Bård, diz ela. O Knut interrompe-a e confirma que realmente costumávamos divertir-nos muito juntos, sem dúvida.

Esses é que eram bons tempos, digo eu.

Pois eram, diz o Knut.

E lá em baixo fica a casa de barcos, digo eu.

Sim, passávamos lá muito tempo, diz o Knut.

Quase todos os dias, digo eu.

Então, a casa de barcos ainda lá continua, diz o Knut.

Eu assinto com a cabeça.

E está ainda por pintar e em ruínas como sempre esteve, diz o Knut.

E assim continuará até ruir por completo, digo eu.

Mas o Svein de Leite já morreu, diz o Knut.

Há já alguns anos, digo eu.

Era um tipo com um parafuso a menos, esse tal Svein de Leite, diz o Knut.

Foi pena que não tivessem gravado um disco, diz a mulher do Knut.

O Knut ri, e eu também sorrio um pouco.

Bem, ainda faltava muito para isso, digo eu.

Costumavam tocar nos bailes daqui? pergunta a mulher dele.

Sim, digo eu.

Não muito, mas a banda ainda tocou algumas vezes, diz o Knut.

Já podemos ir embora? diz uma das meninas.

Bem, foi agradável rever-te, diz o Knut.

Prazer em conhecer-te, diz a mulher dele.

Vamos embora, diz uma das meninas.

Sim, já vamos, diz o Knut.

Vamos agora, diz a menina.

Está bem, diz o Knut, e então diz que provavelmente irão ficar por cá todo o Verão, devo saber, não é verdade, que ele agora é professor, diz ele, e ri fugazmente, e depois diz que tem a certeza de que voltaremos a encontrar-nos, e eu assinto com a cabeça.

Podíamos ir pescar os dois, digo eu.

Tu costumava pescar, diz ele.

Pela noitinha, lá no fiorde.

Vais hoje à noite? pergunta ele.

Estou a contar ir, digo eu.

Papá, agora tens de vir, diz uma das meninas.

E no fim-de-semana há o baile da aldeia, vou tocar com o Torkjell.

Aquele que é professor na Escola Básica?

Eu assinto com a cabeça.

Ainda te dedicas a isso, então, diz o Knut.

Não muito.

Vamos embora, diz uma das meninas.

Sim, temos de ir, diz a mulher, e ela acena-me com a cabeça, eu aceno de volta, então o Knut e eu dizemos adeus um ao outro e que iremos encontrar-nos por aí, e eu percorro a estrada, a caminho da biblioteca, e o Knut e a sua família tomam o caminho oposto, e o Knut pensa que obviamente é sempre assim, ela tinha de olhar para mim daquele seu modo, e foi estranho voltar a ver-me, pensa o Knut, mas na verdade eu estava igual ao que sempre fora, não havia mudado muito, era quase o mesmo, e aquela rapariga, aquela vez, as actuações com a banda, já foi tudo há tanto tempo, e não podia ter sido muito diferente do que foi, e agora ele é casado, pensa o Knut, e eu

vivo como sempre vivi, em casa, toco um pouco, sou como sempre fui, pensa o Knut, e ele pensa que é casado, tem duas filhas, casou-se há dois anos. O Knut pensa que sabia que tinha de voltar a encontrar-me, era algo que ele evitava, pensa ele, mas eles têm de ir de férias para algum lugar, passar as férias grandes, sem muito dinheiro para gastar, a mulher está em casa com as crianças, sustentar uma família custa dinheiro, era inevitável voltar a encontrar velhos conhecidos, era algo que ele evitava, e a mulher dele, porque tinha ela de olhar-me assim, daquele modo, pensa o Knut, e eu viro-me e vejo o Knut de costas, vejo-o afastar-se ao longo da estrada, provavelmente irá à Cooperativa, e penso que ele deve estar contente por me ter encontrado, e por não lhe ter sido tão difícil falar comigo, deve estar contente por isso, penso eu, e dirijo-me para a biblioteca, mas mudo de ideias, afinal não quero pedir nenhum livro emprestado, não é dia para isso, penso eu, então dou meia-volta e regresso a casa, e penso que voltei a encontrar o Knut, há uns dez anos que não nos encontrávamos certamente, foi estranho voltar a encontrá-lo, penso eu, e foi estranho que nos fôssemos encontrar mesmo por cima da casa de barcos, onde brincámos tantas vezes em crianças, estivemos na casa de barcos quase todos os dias, durante muitos anos, penso eu, e dirijo-me para casa, e penso que talvez encontre novamente o Knut e a mulher dele, não me apetece, não tenho por que encontrá-los, agora não, penso eu. Regresso a casa. Perguntei ao Knut se queria ir comigo ao fiorde, se queria ir pescar comigo, mas ele não me respondeu, e de facto era isso que eu esperava, que ele não respondesse, que ele não me acompanhasse, na verdade eu não queria que fôssemos pescar juntos, apenas achei que devia perguntar, achei que era a coisa certa a fazer, não podia dizer simplesmente até outro dia, tinha de fazer planos, de combinar qualquer coisa que, tenho a certeza disso, que verdadeiramente nenhum de nós queria que acontecesse, não estávamos juntos há tanto tempo,

há tantos anos, e não nos víamos há tanto tempo até que eu, nesse dia, este último Verão, vi o Knut a dobrar uma esquina, primeiro o Knut, a seguir a mulher dele, e depois duas meninas. Há muitos anos que não o via, há uns dez anos, pelo menos. E não me senti muito à vontade, não sabia o que havia de lhe dizer, e então perguntei se ele queria ir pescar comigo, mas o Knut não respondeu, porque uma das filhas não parava de resmungar e dizer-lhe que se viesse embora, tinham de ir embora. Eu ia sair para pescar no fiorde nessa noite, disse eu. Ele também podia vir se quisesse. Ele não me respondeu, e era isso que ambos queríamos. Mas foi nessa noite, enquanto estive no fiorde, que esta inquietação se apoderou de mim. Era uma aprazível noite de Verão, cálida, clara, com uma brisa fresca, e eu decidi dar uma volta de barco pelo fiorde, vasculhar ao longo da margem. Meto-me no barco e decido vasculhar a uma distância considerável da margem para ver a casa onde está alojado o Knut enquanto está aqui de férias. O pai do Knut morreu, só ficou a mãe. Ela vive sozinha nessa casa. Mas agora o Knut está lá, ele e a família. Vou vasculhando a margem e passo pela velha casa de barcos em ruínas, com a pintura deteriorada, onde o Knut e eu costumávamos brincar quando éramos crianças, e consigo ver a casa onde vive o Knut, uma casa branca, a meio da encosta. Há um trilho que desce da casa até à praia. Talvez o Knut me veja, talvez ele desça e queira vir pescar comigo. Mas o que hei-de dizer-lhe? Ele não deve querer vir, tudo se passou há muito tempo, e já não temos nada para dizer um ao outro. Olho para lá rapidamente, aumento a velocidade, passo depressa pela casa onde vive o Knut, e então, com uma viragem súbita, mudo de curso em direcção ao interior do fiorde, longe de terra, afasto-me de terra tão velozmente quanto o meu minúsculo motor fora de borda permite, em direcção ao interior do fiorde, e chegado a meio do fiorde, reduzo a velocidade, reduzo a velocidade consideravelmente e depois desenrolo e lanço a linha ao mar, claro está que não

há peixe para pescar aqui ao largo, e eu também não esperava que houvesse, só queria sair e tentar ver se avistava o Knut, mas verdadeiramente eu também não queria isso, recolho a linha, volto a acelerar e a meio do fiorde tomo outra direcção, pensando que poderei chegar à pequena ilhota onde costumo ir pescar, é um dos melhores lugares para pescar nestas bandas, além disso é um sítio muito bonito, abrigado, onde se pode pescar em paz, se nos mantivermos do lado de fora da ilhota ninguém nos pode ver de terra, e eu penso que é essa a principal razão por que gosto de ir pescar nessa ilhota, não gosto que as pessoas olhem para mim, nunca gostei, e ao longo do fiorde há uma faixa estreita de terra arada onde há casas construídas. As casas estão voltadas para o fiorde. As casas são habitadas e as pessoas podem ver-me. Vou sentado no banco traseiro do barco, o motor fora de borda trabalha na potência máxima, e eu sigo em direcção à pequena ilhota, chego lá, desligo o motor, e começo a lançar a linha, primeiro no interior da pequena ilhota, continuo a lançar, mas o peixe não morde o isco, talvez não haja peixe esta noite. Mas está uma noite agradável. Começo a sentir uma ligeira inquietação. Não sei o que é. Algo se apodera de mim, não sei o que é, mas sinto uma ligeira inquietação. Está uma noite agradável. Amena, cálida. Sinto uma inquietação. Uma inquietação apoderou-se de mim. Nunca senti isto, e avisto dois barcos no fiorde mais ao largo, cuja presença me passou despercebida quando aqui cheguei. Há dois barcos mais ao largo, a alguns metros um do outro. Os barcos estão parados. Eu estou a lançar a linha. Um dos barcos desloca-se na minha direcção. A minha inquietação aumenta. Um dos barcos vem na minha direcção. Eu continuo a lançar e olho para o outro lado. A minha inquietação aumenta. Não quero virar-me. Mas sei que o barco se aproxima pelo ruído do motor fora de borda. Tenho de virar-me. Dou meia-volta e vejo-a a acenar, vejo a mulher do Knut, que me acena, vejo a mulher do Knut sentada na parte de trás de um

barco de fibra e traz vestido um impermeável amarelo, vejo o rosto dela por baixo do capuz, o cabelo negro dela, os olhos, e ela acena-me, e aproxima-se, abrandando a velocidade do motor fora de borda, dá uma volta para se aproximar do meu barco, e pergunta-me se apanhei algum peixe, e eu não sei o que hei-de responder, de repente pareceu-me ter escurecido um pouco, e subitamente a minha inquietação voltou a desaparecer, recuperei o fôlego, o melhor é ir-me embora daqui, e porque está ela aqui agora, sozinha num barco de fibra, recuperei o fôlego, mas a minha inquietação desapareceu, primeiro fico agitado, a seguir fico calmo, o seu barco aproxima-se, subitamente escureceu, e vejo as suas coxas sob as calças brancas de oleado, e volto a cara para o outro lado, desvio o meu olhar dela, e nesse preciso instante vejo que me esqueci de lançar a linha, deixo-a ficar completamente imóvel, esqueci-me totalmente de lançar a linha de pesca, e nesse mesmo instante sinto morder o isco, e dou um esticão, apanhei peixe, e digo-lhe que já apanhei peixe, volto-me para ela, ela trouxe-me sorte à pescaria, digo eu, tenho de dizer alguma coisa, não é, falar de qualquer coisa banal, já que ela está aqui, tenho de dizer alguma coisa, primeiro fico agitado sem saber porquê, e de repente a mulher do Knut está num barco ao lado do meu, tenho de falar de alguma coisa banal, um peixe que mordeu o isco, é o primeiro do dia, e já me virei para ela, acho que estou a sorrir, com que então apanhaste peixe, diz ela, e eu volto a virar-me para o outro lado, para a amurada, começo a recolher a linha com movimentos espaçados, vou enrolando a linha, e viro-me para ela, e ela está tão perto de mim, tenho de dizer alguma coisa, e pergunto-lhe se ela conseguiu apanhar alguma coisa, se apanhou peixe, não, nem um, diz ela, e eu digo que se calhar o peixe já está a morder o isco. Tenho de dizer alguma coisa. Recolho a linha. Esboço um sorriso. Olho para o peixe, um bacalhau bem grande. Cautelosamente, puxo o peixe mesmo até junto da amurada, seguro a linha

bem junto ao peixe e estou a ponto de içá-lo por cima da amurada, o peixe está no ar, um belo bacalhau, esse, diz ela, e então. Então o peixe salta de novo para a água. Só lhe vejo o rabo. O peixe afasta-se meio metro, nada logo abaixo da superfície da água, logo abaixo, o peixe abana o rabo. E depois mergulha, desaparece. Eu esboço um esgar. Fico ali de pé a procurar o peixe com os olhos, ele desapareceu, e eu sinto-me estranhamente aliviado, viro-me para ela, e sorrio. Ela sorri para mim. Desligou o motor do seu barco, o barco dela flutua na direcção do meu barco, e eu não percebo porque é que o meu barco não flutua também, o meu barco está parado. Ergo o olhar, olho em direcção a terra, e além, na berma da estrada, a uns duzentos metros da orla da praia, além, na berma da estrada, vejo o Knut de pé, e volto a baixar os olhos rapidamente, ele está imóvel, está quase petrificado a olhar para nós, está além parado na berma da estrada a olhar para nós. O barco dela aproxima-se cada vez mais do meu barco, e apercebo-me de que ela já está realmente muito perto de mim, e eu tenho de dizer-lhe qualquer coisa, não posso permanecer calado, tenho de dizer-lhe que o Knut está em terra, além na estrada, talvez ele queira vir ter connosco, talvez também queira vir pescar. O barco dela vem flutuando na direcção do meu. O Knut está a olhar para nós.

Perdeste o teu peixe, diz ela, e sorri para mim.

E até era um belo bacalhau, digo eu.

Pelo menos há peixe por aqui, diz ela, e sorri.

A não ser que aquele fosse o único.

Também eu devia tentar aqui a minha sorte, pelo menos um pouco, diz ela, e inclina-se para a frente, e eu penso que tenho de dizer-lhe que o Knut está além parado na estrada, ela pega na cana de pesca e põe-se de pé, levanta a cana de pesca, e com um movimento desajeitado, pois ela não percebe nada disto, penso eu, mas com um movimento desajeitado ela levanta a cana de pesca, puxa-a para trás, lança, e o anzol bate na água

a um par de metros do barco dela, ela volta a sentar-se e olha para mim. Já está de novo sentada.

Não foi muito bem conseguido, este lance, diz ela, e sorri.

É preciso ter prática para conseguir fazê-lo, digo eu.

Pois é, diz ela.

Faz-se silêncio.

Vens pescar com frequência? pergunta ela.

No Verão venho bastantes vezes, digo eu.

E gostas?

Sim.

Faz-se silêncio de novo, e eu viro-me, volto-me de costas para ela, tento não olhar em direcção a terra, pois o Knut está parado além em cima, na estrada, totalmente imóvel, a olhar para nós, viro-me para o outro lado e olho para as águas do lago. A minha inquietação desapareceu. Não compreendo isto. O barco dela está mesmo junto ao meu barco. Pescamos.

E então apanhas muito peixe? pergunta ela

Sim, uma vez por outra. Quando ao peixe lhe dá para morder o isco, costumo apanhar bastante, digo eu.

E o que fazes com ele?

A minha mãe arranja-o.

Então vives com a tua mãe?

Sim.

Tens vivido neste lugar toda a tua vida?

Sim.

E nunca viajas para outros sítios?

Não gosto de viajar.

Não gostas de viajar...

Bem, talvez um pouco...

E porque não?

Não gosto, digo eu.

Bem, não importa, diz ela, e eu olho para cima, em direcção a terra, e o Knut ainda lá está, entretanto fez-se silêncio, deixámos de conversar, e subitamente ela inclina a cabeça para

a frente, inclina a cabeça na minha direcção, e a cana de pesca dela mexe, já apanhei peixe, exclama ela, agora apanhou peixe, apanhou peixe, tens de olhar para a cana de pesca, vê como ela mexe, como se verga fortemente, diz ela, e debate-se com a cana de pesca, coloca-a entre as pernas, prende-a por baixo do assento traseiro e enrola a linha, a cana verga-se, ela aperta os lábios e enrola a linha, a cana continua a vergar-se mais e mais, está totalmente vergada, e ela põe-se de pé, não é de grande estatura, é baixa, põe-se de pé, inclina-se para a frente e exclama que ali está o peixe, já está a vê-lo, um belo bacalhau, diz ela, e enrola a linha, o peixe está no ar, galga a amurada do barco, cai dentro do barco, e ela recua um pouco, fica em pé a olhar para o peixe, depois senta-se. Ouço o peixe a estrebuchar dentro do barco dela e a bater o rabo compassadamente. Estou de pé no meu barco, a olhar para o peixe que ela apanhou.

Nada mal, digo eu.

É o maior peixe que já apanhei, diz ela.

Sim, esse é realmente bom, digo eu.

Um belo exemplar, diz ela.

Nada mal mesmo.

E ainda por cima é um bacalhau.

Sim.

O que hei-de fazer com ele? pergunta ela

Tens de sangrá-lo, digo eu.

O que é isso...

Não podemos deixar ficar o sangue dentro do peixe, porque pode apodrecer...

Mas o peixe ainda está vivo.

Pois está.

Não podes tu sangrá-lo por mim? pergunta ela.

Claro que posso, digo eu, e peço-lhe que ponha o peixe dentro do balde que tem no barco, e ela levanta-se, pega no balde, tenta meter o peixe lá dentro sem lhe pegar, por fim

limita-se a agarrar o peixe com uma mão, este dá ao rabo, estrebucha e desliza para dentro do balde, e ela levanta o balde, estica a mão com que segura o balde por cima da amurada do barco, entretanto já o barco dela flutuou até junto do meu barco, e eu ponho-me de pé, pego no balde pela asa e seguro-o bem, ao lado da mão dela, nisto a mão dela desliza até à minha, toca na minha pele, fugazmente, e ela retira a mão de imediato, eu recolho o balde no meu barco, devia ter-lhe contado que o Knut está ali na estrada a observar-nos, ela ainda não deu por ele, não preciso de olhar para lá, penso eu, e então agarro no bacalhau pelas guelras com uma das mãos, enfio o polegar da outra mão no meio das guelras, arranco-as, o peixe estrebucha, o sangue esguicha, e eu agarro-o com força, seguro-o bem pela boca, mantenho-o fora do barco e enxaguo-o na água, recolho-o para dentro do barco, levanto o balde por cima da amurada, enxaguo-o e lavo o sangue dos assentos com um pouco de água. Volto a pôr o peixe dentro do balde e devolvo-lho, e também desta vez a mão dela desliza até à minha, toca na minha pele, sorrio para mim mesmo, mas já perdi a noção do tempo, será que ela toca na minha mão por muito ou por pouco tempo, não tenho a certeza, mas ela recebe o balde, e eu sento-me outra vez. Talvez ela me tenha tocado na pele.

Que repugnante, diz ela.

Já estou habituado, digo eu.

Ela volta a lançar a linha e eu queria perguntar-lhe porque é que o Knut não veio com ela, contar-lhe que ele nos está a observar, mas talvez não deva fazê-lo, penso eu, talvez seja indelicado falar-lhe disso, ela já deve tê-lo visto, penso eu.

É aqui à volta desta ilhota que costumava pescar? pergunta ela.

Sim, digo eu, e levanto o olhar, olho em direcção a terra, e além em baixo na praia, sentado numa rocha, além mesmo à minha frente, sobre uma rocha da praia, vejo o Knut, que está a atirar pedrinhas para a água. Deve ser o Knut que está

além sentado, está na praia, a olhar para o mar, está além sentado a olhar para nós. O Knut está sentado na praia, está a olhar para a mulher, e a mulher dele encontra-se sozinha num barco a remos, e esse barco a remos está mesmo junto ao meu barco a remos. Baixo os olhos. Lanço um olhar cauteloso à mulher do Knut, mas ela está ocupada com a pescaria e ainda não viu que o Knut está sentado além na praia, sobre uma rocha. Ela está ocupada com a pescaria. Olha para o lago. O Knut está sentado em terra. Deve ser o Knut, penso eu. A mulher do Knut vira-se para mim.

Não creio que aqui haja mais peixe, diz ela.

Eu não respondo, não levanto o olhar.

Decerto foi só aquele. Primeiro apanhaste-o tu, e quando o deixaste escapar, ele veio morder o meu isco.

A mulher do Knut sorri-me, e eu levanto os olhos com cautela, olho para lá com cautela, para terra, para a estrada, mas o olhar dela não acompanha a direcção do meu olhar, e o Knut ainda lá está sentado.

Não sei se não estará já na hora de eu regressar, digo eu, com as mãos atrapalhadas.

Tu mal acabaste de chegar.

Mas não há peixe para pescar.

Eu estou a pescar há um bom bocado, diz ela.

Eu não respondo.

Aqui há peixe, diz ela.

Eu baixo os olhos para o barco.

Podes ficar a pescar mais um pouco, é agradável ter companhia, diz ela.

Eu não respondo.

Apetecia-me desembarcar nessa pequena ilha, diz ela.

É melhor não, digo eu.

Sim, tu queres, diz ela, e levanta-se, fica de pé no barco, enrola a linha, depois volta a sentar-se no barco, liga o motor

fora de borda, e já vai a caminho da ilhota, eu vejo-lhe o impermeável amarelo, vejo o motor fora de borda, e volto-me rapidamente, volto-me e vejo o Knut sentado sobre a rocha na praia, e ele olha para mim, e eu volto-me de novo, ligo o motor fora de borda, tenho de ganhar velocidade, tenho de contar-lhe que o Knut está sentado na praia à espera, tenho de ganhar velocidade, pus em marcha o motor fora de borda, e sigo atrás da mulher do Knut, que navega rumo à pequena ilhota, reduz a velocidade, desliga o motor fora de borda, desloca-se para a dianteira do barco pronta para desembarcar, e eu sigo-a, posiciono o meu barco ao lado do barco dela, desligo o motor, puxo a hélice para fora de água, fecho o abastecimento de combustível, desloco-me para a dianteira do barco, agarro a corda de amarração e salto para a praia de seixos, olho em direcção a terra, e o Knut ainda lá está, já se pôs em pé, está além parado, na praia, está imóvel, e eu começo a trepar pelo terreno rochoso, encontro uma árvore, ato a corda do barco à árvore, e a mulher do Knut sentou-se numa rocha, encostou o queixo nos joelhos flectidos e mantém os braços cruzados em volta das pernas, e eu penso que entretanto ela já deve ter avistado o Knut, a corda de amarração do barco dela ainda está caída a seu lado, eu aproximo-me e digo-lhe que posso amarrar o barco, pego na corda e amarro o barco dela, amarro-o à mesma árvore a que amarrei o meu. Esboço um sorriso. Olho para terra, e o Knut ainda lá está. A mulher do Knut olha para mim, pergunta-me porque estou a rir. Eu digo que não estou a rir. Mas ela insiste em que eu rio de soslaio. Pergunto-lhe se quer ir dar um pequeno passeio pela ilhota, ela assente com a cabeça, põe-se de pé, e eu começo a subir pelas rochas até aos arbustos de urze, quase toda a pequena ilhota está coberta de tojos, há enormes quantidades de arbustos, algumas árvores, algumas formações rochosas, e do outro lado, do lado virado para o exterior, para o fiorde, onde o fiorde

atinge a sua máxima largura, do lado de fora há uma bonita enseada. Ela vem caminhando atrás de mim. Eu vou à frente dela. Ela vem atrás de mim e diz-me que espere. Eu paro.

É a primeira vez que estou numa ilhota, diz ela.

Ah sim, digo eu.

Vens aqui frequentemente? pergunta ela.

Quase nunca.

Já desembarcaste aqui antes?

Sim, digo eu, e continuamos a caminhar pelo meio da urze, eu não me volto para trás, não quero voltar-me para trás, e ela também não se volta para trás, caminha, olha sempre em frente, talvez não queira voltar-se para trás. Digo-lhe que podemos ir até à baía, que é o sítio mais aprazível de toda a ilhota, a baía fica do outro lado da ilhota, a baía dá para o fiorde, e ela diz que podemos fazê-lo com todo o gosto, por ela tudo bem, ela apenas queria desembarcar na ilhota. Atravessamos a pequena ilhota, passamos por entre a urze, agarramo-nos aos arbustos, descemos em direcção a uma praia, percorremos a linha de costa. A uma curta distância há uma praia de areia. Aí ela pára, a mulher do Knut, e faz desenhos na areia com a biqueira do sapato. Eu fico parado a olhá-la. É uma aprazível noite de Verão, uma noite amena, e a mulher do Knut traz roupa impermeável, calças brancas de oleado, um impermeável amarelo. Tem cabelo preto e olhos castanhos. Eu nunca tinha falado com ela antes, e caminhamos ao longo da praia, passamos por uma enseada, por algumas colinas cobertas de urze, e já podemos avistar a baía, agora tenho de contar-lhe que o Knut está parado na praia, penso eu, tenho de lhe contar. A mulher do Knut sorri para mim.

Não és muito falador, tu, diz ela.

Não.

Parece que a gente daqui é assim, diz ela.

Acho que sim, em geral.

Um homem solitário vive com a mãe numa pequena localidade da costa norueguesa. Da vida pouco ou nada fez, apenas tocando guitarra em bailes para ganhar algum dinheiro, lendo livros emprestados da biblioteca local e pescando no fiorde. Uma forte inquietação apodera-se dele quando reencontra Kurt, um amigo de infância há muito ausente que regressa à pequena cidade natal para aí passar o Verão com a mulher e as filhas. As memórias da juventude, a revelação de um triângulo amoroso e a certeza de que algo terrível irá acontecer levam-no a refugiar-se em casa e na escrita como forma de tentar lidar com todos estes acontecimentos.

Originalmente publicado em 1989, *Casa de Barcos* é um dos romances centrais do Prémio Nobel Jon Fosse, no qual estão já patentes o arrojo estilístico e rítmico do autor e a poeticidade com que escreve sobre os tormentos e as forças incontrolláveis da experiência humana, como o desejo, a traição, o ciúme e a morte.

«Fosse descobriu uma nova forma de escrever ficção,  
diferente de tudo aquilo que foi escrito até hoje.»

*Harper's*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-646-8



9 789895 636468